



## Portugal

### Entrevista de vida a **JOSÉ MIGUEL JÚDICE**

Furou greves, foi a salto para Espanha, nunca quis cargos e voltou ao comentário. Sem agenda, garante. Por **Maria Henrique Espada e Rui Hortelão** (texto) e **Alexandre Azevedo** (fotos)

# “Andava com uma Mauser que tinha encontrado na gaveta do avô”

**E**stá na TVI 24 há um mês, com um espaço de opinião próprio – e afirma que se calhar é o único a poder dizer “estou na televisão e não quero nada”. Aos 67 anos, tem uma longa vida a dizer o que pensa para o demonstrar.

#### A saída do seu pai do PCP marcou-o de alguma forma?

Eu geneticamente não podia não ser anticomunista. O meu pai morreu tinha eu 3 anos em circunstâncias que nunca quis aprofundar... Havia uma ideia na minha família de que aquilo tinha sido feito de propósito por alguém ligado ao PCP... Mas nunca quis acreditar nisso. Por outro lado, tentei sempre perceber porque é que o meu pai era comunista. Havia uma atracção muito grande porque seria uma justificação para ele ser comunista.

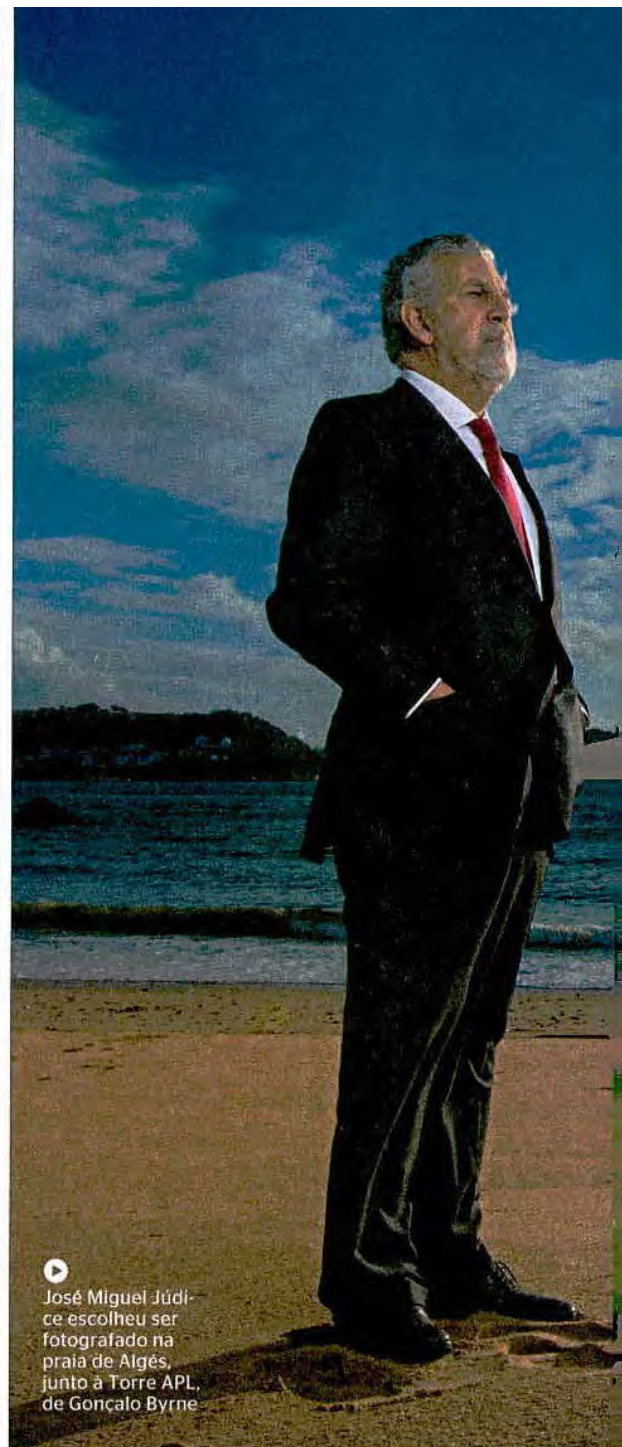
#### E encontrou-a?

Em jovem tinha teorias completamente loucas: defendia Portugal como país multicontinental, mas achava que era preciso acabar com

o colonialismo e para isso era essencial que a capital se deslocasse para Angola. Achava que era preciso a reforma agrária, tirar a terra sem indemnização, também ninguém pagou aos donos dos escravos quando acabou a escravatura; que a banca devia ser toda nacionalizada; e defendia que as empresas deviam ser geridas com os trabalhadores, numa espécie de autogestão. Era uma grande confusão [risos]. Só possível num miúdo de 18 ou 20 anos. Nunca fui capaz de pegar num partido ou numa ideologia e concordar com tudo. Sempre fui inclassificável. A seguir ao 25 de Abril virei à direita, porque era muito de esquerda.

**Nasceu na Quinta das Lágrimas, em Coimbra. Percebia o que era aquele espaço?**

Nunca tive a noção de ser um privilegiado. Não era. A minha mãe era viúva, não tinha estudado, vivíamos com imensas dificuldades. Estudei sempre com bolsa de estudo e o meu avô ajudava um bocado. Vivíamos numa casa sem condições para a



▶ José Miguel Júdice escolheu ser fotografado na praia de Algés, junto à Torre APL, de Gonçalo Byrne

manter e sustentar. Os meus amigos, filhos do sapateiro e merceiro, a vida deles não era muito diferente da minha. Eu só tinha uma casa fantástica e fámos todos para lá. O primeiro bife do lombo que comi já estava na universidade e até pensei que fosse carne estragada. Em toda a minha roupa punham-se joalheiras nos cotovelos e joelhos e os fatos eram virados. Eu só tinha uma gravata. Vivía-se com muita parcimónia.

#### O seu avô foi a sua figura paterna?

Sim, não aprendi a ser pai, mas talvez tenha aprendido vagamente a ser

**“O Sá Carneiro dizia que eu era o melhor comentador, o Marcelo ficava um bocadinho ciumento”**





avô. Comovia-se muito, era bondoso, mas também tinha fúrias homéricas. **Ele teve alguma dessas consigo?** Comigo não, pelo contrário. Eu tinha tido um irmão que tinha morrido com 7 anos e ele transferiu para mim a paixão que tinha pelo meu irmão. Eu tinha 17 ou 18 anos, e ele chamou-me para me informar que me ia deixar as Lágrimas em testamento. Recusei e disse-lhe que ele não podia fazer isso, tenho mais 15 primos... Afivei uma das fúrias homéricas e deixou de me falar durante uns dias. Foi preciso o Guilherme Braga da Cruz,

primo da minha mãe, falar com ele e mostrar-lhe que a minha atitude era a acertada. Se comprei as Lágrimas à família foi uma forma de homenagear o meu avô, fazendo à minha custa o que ele queria fazer dando. **Foi pelo Braga da Cruz que escolheu Direito?** Sim, com 14 anos, estava indeciso entre Direito e Ciências, Engenharia. Um dia pedi-lhe um livro sobre Direito, li e não percebi nada. Mas até por isso decidi fazer o que ele fazia. **A partir daí quis ser advogado?** Não, é curioso. A minha ideia era ser

professor universitário, que era a imagem que tinha do meu pai. Quando acabei nem sequer fui fazer o estágio. Se não fosse o 25 de Abril, hoje para me entrevistar tinha de ir a Coimbra, onde talvez eu fosse professor catedrático reformado. **Como é que a ausência do seu pai marcou a relação com a sua mãe?** Ela foi muito marcante na minha vida, muito corajosa e bondosa, com enorme sentido de humor. Um dia perguntei-lhe: "Pensa muito no António?", o meu irmão falecido. E ela respondeu: "Penso nele todos os dias e

**F**  
*"Nas autárquicas, disse ao António [Costa]: 'Não aceito ser seu mandatário e não vou votar em si'"*



07-12-2016

**Portugal**

« todos os dias souro. » Mas era uma mulher muito alegre. Aprendi com ela que a vida, apesar de todos os problemas, é uma coisa maravilhosa.

**O regime nunca o atraiu?**

Não. Salazar não me dizia nada, era uma visão tradicional, conservadora, em que a minha geração não se revia. E não tive grandes ilusões com o Marcelo Caetano. Não dava a ideia de acreditar no que estava a fazer. Só se pode fazer a evolução de um regime se não se acreditar muito nele.

**E nunca foi assediado pelo poder?**

Não. Houve só uma vez... nós tínhamos um grupo de amigos, muito revolucionários, e um dia pediram-me para ir falar com o Elmano Alves, que era o líder da Acção Nacional Popular, do Marcelo Caetano. Foi caricato, ele queria fazer as juventudes nacionais populares e disse-nos: « Tomem vocês conta disto ». E nós íamos lá só por curiosidade e para dizer que éramos contra o regime e ficámos estupefactos. « Não, não queremos, estamos em desacordo, respeitamos, mas não queremos ter nada a ver com o regime. »

**Mas na faculdade, em Coimbra, eram a ala direita?**

Ultraminoritários. Houve umas eleições para a associação académica e o nosso grupo teve um em sete. Sempre me habituei a perder.

**E nunca foi maltratado, como acontecia em Lisboa?**

Não, não houve nada disso. Na greve dos exames fiz os exames e fui o único a ir à assembleia magna falar contra a greve. Estava cheio de medo mas aguentei-me.

**O que é que o motivou?**

Achei que devia dar o meu testemunho. É um bocadinho a mesma coisa que me faz vir agora para a televisão. Há alturas em que é preciso dizer coisas. Havia seis colegas que estavam suspensos e não podiam fazer exames. E eu fui dizer: « Se o governo não encontrar uma solução para que esses nossos colegas possam fazer exames, faço greve. Não faço é uma greve por razões políticas. » O governo, passados uns dias – não estou a dizer que foi porque eu disse –, criou uma época especial para eles fazerem os exames. E entendi que não devia fazer greve. Eu e mais 2.500. Mas fui transforma-



**1** No jardim da PLMJ, de que é sócio, na Avenida da Liberdade, em Lisboa

**2 e 3** Durante a entrevista. É expressivo a falar, quer nas histórias quer nos gestos

do num inimigo público. Durante a greve houve um tipo que disse que rapava os que faziam exame e que a mim havia de me marcar para a vida. E eu disse, « digam-lhe que eu estou armado e portanto vai comigo ». Andava com uma Mauser que tinha encontrado numa gaveta do meu avô. **Carregada e tudo?**

Experimentei dar um tiro na quinta a ver se aquilo disparava. Passado uns anos estava a contar esta história a alguém que disse, « mostra lá aí ». Mostrei a arma: « Morrias. » A bala que tinha experimentado tinha ficado no cano. E portanto se disparasse outra a arma explodia-me nas mãos. Eram coisas tontas, de miúdos. Nunca tive o mais pequeno problema, sempre andei à noite nessa época difícil. A liberdade aprendi-a aí e depois quando estive preso a seguir ao 28 de Setembro. Não se percebe bem a liberdade se não se estiver na cadeia.

**Como é que soube do 25 de Abril?**

Era já casado, professor universitário, jovem assistente, e apareceu-me o José Carlos Vieira de Andrade com a mulher, às 8h da manhã de 25. a dizer, « houve uma revolução, o Marcelo caiu ». Fomos a um armáriozinho, abrimos uma garrafa de vinho do Porto Lacrima Christi e bebemos à saúde da revolução. Para nós tudo era melhor do que a situação. Não pensamos é que iria ser tão pior.

**Quando percebeu que seria?**

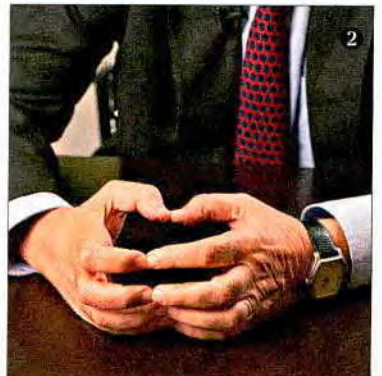
Logo no 1º de Maio. Percebi que estava encenada a chegada do Lenine. Era a encenação soldado, marinheiro... Vi na televisão e percebi o que vinha aí. A radicalização era inevitável. Depois, quando estive preso, tinha ideia de que era muito provável, até para acelerar a radicalização do

regime, que um grupo entrasse pela cadeia e nos fuzilasse a todos. Estava preso com essa convicção.

**Passou a fazer política a tempo inteiro logo a seguir ao 25 de Abril. Foi viver para o Porto. Como é que era a sua vida nessa altura?**

Fazia reuniões, falava com pessoas. **E a sua mulher? Tinha acabado de casar.**

Ela era uma santa. Ainda por cima tinha dois filhos pequeninos. Vinha a casa ao fim-de-semana, ou nem vinha, já não me lembro. Mas de Maio até Setembro fiz política profissional. Larguei tudo. A ideia era ajudar o general Spínola, eu tinha defendido muito o spinolismo antes do 25 de



**F** « Nas últimas legislativas absteve-me, mas queria o PS com maioria absoluta »

**F** « Chamar a um advogado 'advogado de negócios' é insultar a mãe dele »





Abril. Depois o Spínola cometeu muitos erros mas continuo a ter um grande respeito por ele. Porque tinha uma recta intenção. E nós éramos soldados desse combate.

### **O 28 de Setembro afastou-o de Spínola?**

Havia muito aventureirismo, mesmo de gente bem-intencionada, que achava que o regime caía e entrava-se na normalidade. Eu achava que não. Achava que a manifestação ia ser um momento-chave no salto para o radicalismo de esquerda, como aconteceu. Tentámos tudo, eu e outros, para o evitar. Quando aconteceu, decidimos defender a manifestação da qual discordávamos. E estive preso três meses. Os organizadores, graças a Deus para eles, conseguiram fugir para Espanha [risos]. Depois fiquei a ajudar o MDLP, do ponto de vista técnico e com reflexões políticas, em Espanha. É uma história mal contada a ideia de que o MDLP fazia isto ou aquilo. As pessoas faziam espontaneamente e os que estão no estrangeiro gostam de dizer "fui eu que organizei". Os assaltos às sedes do PCP, eram feitos localmente, eles estavam isolados do País, sem qualquer influência. Mas não tinha nada a ver com isso, estava num gabinete a fazer um programa de governo.

### **E no 11 de Março, estava onde?**

Em casa, sossegadinho, foram-me buscar a Coimbra e levaram-me preso. Dessa vez achei que ia ser pior, o regime tinha acelerado. Soltaram-me no dia seguinte, perceberam que eu não sabia de nada, nunca entrei em aventuras, agora era esperar que isto fosse até ao fim para depois dar a volta. Em Agosto de 1975, era para ir para o Brasil, mas convenceram-me a ficar, e fiquei, cheguei em Setembro a Espanha, a salto, mas foram dois meses. Depois do 25 de Novembro voltei. A família veio antes, eu fiquei mais uns dias, porque tinha saído a salto.

### **Como é que foi essa saída a salto?**

Foi com um contrabandista, um professor ligado ao CDS, que eu conheci em Trás-os-Montes, e me levou. No regresso vim numa mala de um carro. Posso provar – tenho um passaporte sem carimbos – que nunca saí de Portugal. [Risos]

### **Como vivia em Espanha?**

Era na Calle Amnistia, naqueles





07-12-2016

Portugal

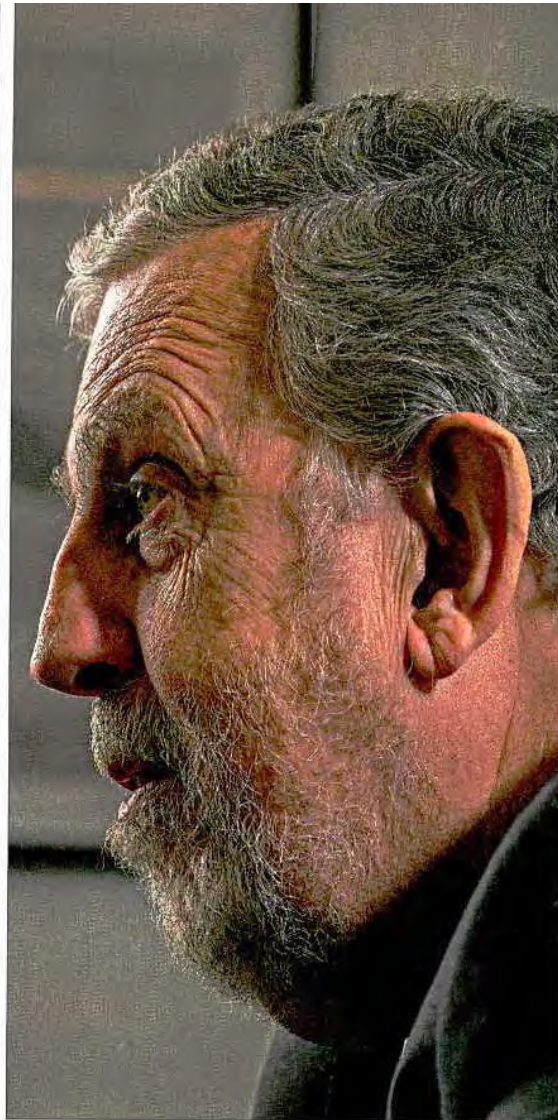
▣ bairros pobres de Madrid. Vivíamos numa casa de Santa Zita, eu a minha mulher e os dois filhos num quarto, o mais velho ainda não tinha 3 anos. O MDLP pagava-nos um dinheirito que dava para o quarto, a alimentação e o metro para ir para Madrid, onde estávamos laboriosamente a fazer estudos... As pessoas quando estão no exílio acham sempre que o País está à espera delas. Não está nada.

**Como é que veio parar à PLMJ?**

Foi a cadeia. Conheci o António Maria Pereira em Caxias, também preso. Quando voltei de Espanha estava demitido da função pública, não tinha trabalho. Vim falar com o António Maria Pereira. Ele disse-me que não precisava, mas se precisasse... mas disse-me que ia jantar com a Vera Lagoa e que lhe ia pedir, como eu falava bem de política, para escrever n' *O Diabo*, que estava a sair.

**Tornou-se influente a escrever nos jornais...**

Comecei a ter um grande sucesso como comentador. Lembro-me que um dia o Amaro da Costa me ligou: "Gostava de o conhecer, o senhor é a única pessoa que escreve nos jornais que nunca me telefonou." Tinha uma grande influência. O Sá Carneiro dizia sempre que eu era o melhor comentador político, o Marcelo ficava um bocadinho ciumento. Fui advogado do Sá Carneiro, porque o António Maria Pereira também era amigo dele. E ele convidou-me para deputado independente em 1980 e eu não aceitei. Perguntou-me, "Ó dr. Júdice, que idade é que tem?" Tenho 31 anos. "Ah, faz bem. Continue a trabalhar, ganhe a sua independência e depois faça política mais à frente." E eu disse-lhe que não queria fazer nunca. Quando o Sá Carneiro morreu foi um grande choque para mim, era uma figura paterna. Na clandestinidade, tinha-o ajudado na reconquista do poder no PSD, a Conceição Monteiro trazia-me informações que ele tinha e eu escrevia à volta disso... acho que nunca contei isto. E conspirando com o Menéres Pimentel. Só fiz coisas deste género duas vezes. Essa foi uma. A outra foi quando o presidente da Rádio Renascença, Magalhães Crespo, me convidou para fazer editoriais da RR, não assinados. De resto, tudo o que escrevi



▣ Tinha prometido reformar-se aos 65 anos, mas os sócios pediram-lhe, por unanimidade, que fique até aos 70. E acedeu

▣ **"Na clandestinidade, tinha ajudado Sá Carneiro na reconquista do poder no PSD, a Conceição Monteiro trazia-me informações"**

até hoje tem o meu nome por baixo. **Gostou da passagem pelos media?** Sim, foram tempos muito interessantes. No *Semanário*, vendíamos cerca de 50 a 60 mil exemplares e, um dia, lembrei-me de numerar o jornal e sortear automóveis e vales de compras. Estava no Porto e, de manhã, fui ao quiosque comprar o jornal, mas já estava esgotado: vendemos 120 mil. E a seguir ficámos a vender 80 mil, ou seja, aumentámos mais de 25% em 15 dias. O sucesso do *Semanário* também tinha muito ver com a *Olá Semanário*, uma excepcional ideia do Marcelo Rebelo de Sousa, até porque havia nessa época quem pedisse para lá aparecer [risos]. E só lamento os accionistas não terem concordado com o aumento de capital que lhes propus para uma estratégia de criação de um grupo empresarial, começando pela compra de 50% do *Record* com o distribuidor Gonçalves Pereira. O preço era, se bem me lembro, inferior a 500 mil contos. O meu plano era a cinco anos, mas após três Pinto Balsemão

ofereceu mais de 2 milhões de contos pelo jornal. E o Berardo não vendeu. Veja o negócio que eu tinha conseguido para os accionistas.

**Teria mudado a história da imprensa em Portugal, certo?**

Em alguma medida. A estratégia passava também pelo lançamento da revista *Le Figaro Magazine* para Portugal. A ideia era que o director do *Figaro Magazine* e do *Semanário* passasse a ser o Paulo Portas, com Vítor Cunha Rego como director geral das publicações. Os accionistas recusaram e vim-me embora.

**Porque é entrou no PSD?**

Um pouco por homenagem ao Sá Carneiro e porque era um partido bonapartista, das classes médias em ascensão, sem ideias liberais ou de direitas conservadoras, dava importância à justiça social e tinha feito a limpeza dos disparates da revolução. **Foi quase sempre do contra. Mesmo no PSD, acabou na Nova Esperança, a contestar o Bloco Central.** Sou uma voz completamente livre. Uma pessoa que diz o que pensa faz muitos inimigos dos que não sabem ser independentes. Uma vez votei contra uma lei tonta, sozinho, no conselho nacional do PSD. E o Dias Loureiro veio cá fora depois e disse: "Mais uma vez, com grande alegria, tudo aprovado por unanimidade". Percebi que me tinha transformado num não ser. Ser independente significa discordar sucessivamente praticamente de toda a gente.

**Apoiou José Sócrates.**

Não. É diferente. Eu provocatoriamente dizia que o político mais parecido com Sá Carneiro era José Sócrates. Tinha um instinto político notável e uma capacidade de tomar decisões que a política portuguesa não tinha. Estava com bons instintos, mas talvez não tivesse estrutura psicológica ou política. Não estou agora a falar destas coisas que se falam. Mas nunca fui íntimo, falava poucas vezes com ele. Em 2008, a União Europeia disse "investimento público". E ele... é gastar à fartazana! E fez coisas alucinadas. Perdeu a mão ao País. Contavam-me que ele gritava com os ministros, humilhava-os, insultava-os e eles aguentavam. Se o Sócrates me gritasse meia vez, cortava relações. Quando eu



07-12-2016

**Portugal**

era mandatário do António Costa, o senhor José Sá Fernandes disse que éramos os lacaios dos interesses imobiliários que estavam a destruir Lisboa. Cortei relações com o Sá Fernandes. Até hoje. E o dr. António Costa convidou-o para a lista, para ter de baixo do braço aquele que o tinha insultado. E o que insultou, ofereceram-lhe um prato de lentilhas e aceitou. Quando nas autárquicas seguintes, contra o Santana Lopes, o dr. António Costa me voltou a convidar para mandatário, eu disse: "António, não só não aceito ser seu mandatário, como não vou votar em si. Porque tem na lista o Sá Fernandes e não voto numa lista que tem esse senhor." Abstive-me. **O voto é secreto, mas nas últimas legislativas votou no PS?**

Abstive-me. Mas queria o PS com maioria absoluta. A seguir, queria PSD e o CDS com maioria absoluta. Depois, queria o PS como partido mais votado e depois a direita como partido mais votado. E o País fez a pior solução. Em 2009 votei Sócrates porque achava que o País precisava de um governo à esquerda e com um homem com vontade de fazer coisas, quase, diria, com violência política. Manuela Ferreira Leite, que admiro como pessoa, não tinha isso.

**Chegou a ser desafiado para líder, no PSD. Nunca se sentiu tentado?**

Nunca quis ter nenhum cargo político. Aliás, só voltei à televisão, nesta altura, porque devo ser a única pessoa com alguma notoriedade que pode dizer: "Eu estou na televisão e não quero nada". Não me beneficia como advogado. Não quero ser deputado, ministro ou presidente, dirigir nenhuma empresa, ser convidado nas recepções. Não quero beber do fino e estar ali na conversa. Não quero, como dizia o Marques Mendes e muito bem, o "eu falo com as pessoas e obtenho umas informações". **Mas muitos advogados andam próximos do poder, político ou económico. Até há a expressão "advogado de negócios".**

Um dia Cavaco Silva convidou-me para almoçar, quando era primeiro-ministro. E eu tinha um almoço galante. E mantive-o, mas menti um bocadinho, disse que era com um cliente. Ele marcou outra data. Quando che-



1 A sede da sociedade de escritórios em que trabalha tornou-se conhecida por ter uma significativa colecção de arte exposta no seu espaço

2 Com os sapatos na areia, apesar de não gostar de praia

F "A ideia era que o director da Le Figaro Magazine e do Semanário passasse a ser o Paulo Portas"

F "O Passos Coelho tem cara de estar doente. O Costa faz tudo como se a vida fosse a coisa mais maravilhosa"

guei, disse-me "estes advogados de negócios..." Eu não disse nada. À saída repetiu. E eu disse, "não sou advogado de negócios, sou um advogado, que às vezes trata de negócios dos clientes. Se quer que lhe fale de advogados de negócios, alguns até estão no seu governo". E sai porta fora. Chamar a um advogado "advogado de negócios" é insultar a mãe dele. Sou advogado de tribunal, de arbitragem, não tenho nada a ver, nos últimos 15 anos, com compra e venda de empresas.

**Que nota dá a Marcelo, como Presidente?**

Não dou notas. Acho que está a ser um excepcional PR. vi-o cometer o primeiro erro com a CGD, com o que disse, mas depois emendou bem. Claro que há aquela anedota daquela pessoa que se atira do 100º andar e quando vai a passar pelo 40º diz, bem até aqui ainda não me aconteceu nada de mal. Marcelo está talhado para a função. É uma parte optimista de Portugal. Como António Costa. Já Passos Coelho em vez de tentar parecer bem-disposto, tem cara de estar doente. Costa faz tudo como se a vida fosse a coisa mais maravilhosa. Enquanto as coisas não forem muito más



a gente até gosta disso. Mas os países às vezes precisam de maçadores.

**Aprova a actuação da justiça no caso Sócrates?**

O que fizeram ao Sócrates não se faz. Ele foi detido para ser investigado. Não, não e não. A prisão preventiva é uma coisa demasiado grave. Não se pode pôr uma pessoa na cadeia para o quebrar. Para que ele fale. Se ele cometeu crimes deve ser exemplarmente punido, mas não é assim que se faz investigação. A prova é que estão a investigar há três anos. É completamente absurdo.

**Teve um problema de saúde há uns anos. Isso mudou a sua vida?**

Não. Apanhei um susto. Tive um cancro da próstata. Fiz o tratamento que devia fazer e dizem-me que estou clinicamente curado. A minha vida continua a mesma. Canso-me um bocadinho mais. Mas mesmo nessa altura, olhava a vida pelo lado positivo. Fui órfão, o meu irmão tinha morrido, a minha mãe era viúva e sofria. Para outros seria trágico, mas tive uma infância felicíssima. Claro que naquela fase em que os miúdos da minha idade iam com alguns tostões comprar alguns prazeres, não digo quais, eu não ia, não tinha dinheiro. Naquela altura eu era feliz [risos], mas teve um lado bom. **Quando se reformar, vai escrever as memórias?**

Às vezes vou ao Google ver quem anda a dizer mal de mim. E aparece "a minha vida foi banal". É verdade. Não há nada que tenha feito que fique depois de eu morrer — fora os meus filhos. Há grandes biografias de pessoas pouco importantes, mas não há grandes autobiografias de pessoas pouco importantes. □





07-12-2016

